



Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na comunidade quilombola Carreiros, Mercês – Minas Gerais

Ethnobotanical survey of medicinal plants in maroon community Carreiros, Mercês - Minas Gerais

Flávia M. C. Ferreira¹, Fagner J. de C. Lourenço², Danielle P. Baliza^{*3}

Resumo - O objetivo do trabalho foi identificar as espécies medicinais utilizadas pela comunidade quilombola Carreiros, bem como traçar o perfil social das famílias desta comunidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas da comunidade, sendo um representante de cada família. Para fins de registro foram coletados dois exemplares de cada espécie medicinal identificada, os quais foram conservados na forma de exsiccatas e mantidos no Laboratório de Ecologia do IF Sudeste MG – Campus Rio Pomba. As mulheres aparentemente desempenham importante papel social e estão bastante envolvidas no conhecimento das plantas medicinais. Nota-se, que o conhecimento existente foi adquirido de forma empírica e é evidente entre as famílias a preocupação em repassar os conhecimentos tradicionais sobre o uso das plantas medicinais aos jovens. Dentre as principais espécies utilizadas pela comunidade estão: *Citrus Sinensis* L., *Psidium guajava* L., *Leonurus sibiricus* L., *Citrus Limonia* (Osbeck), *Carica* sp., *Vernonia condensata* Backer, *Sechium edule* (Jacq.) Sw, *Sansevieria trifasciata* Prain, *Malpighia glabra* L., e *Saccharum zofficinarum* L..

Palavras-chave: diversidade, etnomedicina, etnofarmacológica

Abstract - The objective of this paper was to identify the medicinal plants used by the maroon community Carreiros and outline the social profile of the families of this community. Thus, we conducted semistructured interviews the community. For registration purposes we collected two specimens of each species identified. Women apparently play an important social role and are very involved in the knowledge of medicinal plants. Note, that the existing knowledge was empirically acquired and is evident concern among families in passing on traditional knowledge about medicinal plants to young people. Among the main species used by the community are: *Citrus Sinensis* L., *Psidium guajava* L., *Leonurus sibiricus* L., *Citrus Limonia* (Osbeck), *Carica* sp., *Vernonia condensata* Backer, *Sechium edule* (Jacq.) Sw, *Sansevieria trifasciata* Prain, *Malpighia glabra* L., e *Saccharum zofficinarum* L..

Key words: diversity, ethnomedicine, ethnopharmacological

*Autor para correspondência

Recebido em 04/04/2014 e aceito em 23/09/2014

¹Biol^a. Prof^a. Dr^a. do Departamento de Agricultura e Ambiente – IF Sudeste MG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba, Av. Dr. José Sebastião da Paixão, s/n^o, Bairro Lindo Vale, Rio Pomba, MG, CEP: 36180-000. Telefone: (32) 3571-5700. Email: flavia.coelho@ifsudestemg.edu.br

²Profissional do quadro técnico do Departamento de Agricultura e Ambiente – IF Sudeste MG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba, Av. Dr. José Sebastião da Paixão, s/n^o, Bairro Lindo Vale, Rio Pomba, MG, CEP: 36180-000. Telefone: (32) 3571-5700. Email: fagner.lourenco@ifsudestemg.edu.br

³Eng^a. Agr^a. Prof^a. Dr^a. do Departamento de Ensino – IF Sudeste MG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Avançado Bom Sucesso, Praça São José, n^o 249, Bairro São José, Bom Sucesso, MG, CEP 37220-000. Telefone: (32)-8426-8681. Email: danielle.baliza@ifsudestemg.edu.br

INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas são grupos étnicos, predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. Estima-se que em todo o país exista mais de três mil comunidades quilombolas presentes em pelo menos 24 estados brasileiros (DALT & BRANDÃO, 2011). Devido à cultura de exploração natural, essas comunidades representam importante papel no conhecimento das práticas agrícolas primitivas e ainda do cultivo e uso das plantas medicinais, detendo vasto conhecimento sobre as plantas e seu ambiente (MING, 2009).

A pesquisa etnobotânica e etnofarmacológica registra e documenta o conhecimento tradicional e a informação sobre os usos empíricos das plantas, os quais estão em franco processo de desaparecimento, e ainda complementam que tal conhecimento deve ser resgatado junto à população rural do Brasil, que, pela miscigenação dos saberes indígenas, europeu e africano, aliada aos anos de experimentação empírica, torna essa população detentora de grandes conhecimentos sobre as plantas medicinais (ANDRADE & CASALI, 2002). A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece o valor dos trabalhos etnobotânicos, além de estimular as comunidades a identificar suas próprias tradições em relação às terapias, e explorar práticas seguras e eficazes para posterior utilização em cuidados primários de saúde (SCARDELATO et al., 2013).

Considera-se como planta medicinal aquela administrada exercendo algum tipo de ação farmacológica (AMOROSO, 2002). Vários são os benefícios das plantas medicinais para as famílias tradicionais, tais como, melhoria da renda com o cultivo e comércio das plantas, melhoria da qualidade de vida devido ao uso e aumento da diversidade do agrossistema, pois normalmente são comunidades agrícolas e praticam agricultura diversificada e principalmente de subsistência (OLIVEIRA, 2008). Muitas vezes, as plantas medicinais são o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos (MACEDO et al., 2007; SANTOS et al., 2013).

O resgate dos conhecimentos sobre as plantas medicinais teve seu marco no séc. XVIII com o médico Carl Linneus, no continente europeu, que iniciou a história da etnobotânica, registrando em seus diários de viagem dados culturais dos locais que visitava e o modo como os povos faziam uso das plantas (ALMASSY JÚNIOR et al., 2010). No Brasil, os jesuítas encarregaram-se de catalogar, experimentar e empregar largamente as plantas medicinais brasileiras no séc. XVI (QUEIROZ, 1984).

Atualmente observa-se um aumento na demanda pelas plantas medicinais para uso no preparo de medicamentos industrializados o que sugere que as indicações populares orientem as pesquisas dos princípios ativos (ALMASSY JÚNIOR et al., 2010). É importante e necessário um direcionamento das pesquisas em etnobotânica visando complementação da renda da agricultura familiar, o que atualmente tem incentivado o cultivo, beneficiamento e a comercialização das plantas medicinais utilizadas na promoção da saúde. Estudos

desta natureza devem ser otimizados, abrindo possibilidades de exploração e melhor aproveitamento quanto à pesquisa interdisciplinar, isso porque fornecem subsídios para implantação de programas de saúde mais adaptados à realidade cultural dos quilombolas, além da otimização do uso das plantas com caráter terapêutico e valorização do saber tradicional (FRANCO & BARROS, 2006).

Neste contexto este trabalho teve como objetivo identificar as espécies medicinais utilizadas pela comunidade quilombola Carreiros, localizada na Zona da Mata Mineira, bem como traçar o perfil social das famílias desta comunidade.

MATERIAL E MÉTODOS

O quilombo Carreiros localiza-se na comunidade Contendas no município de Mercês, Minas Gerais, que abrange uma área de 352,8 km². A comunidade quilombola é formada por 16 famílias totalizando aproximadamente 60 indivíduos, que ocupam cerca de 0,03% do território do município de Mercês. O município está inserido na mesorregião da Zona da Mata, latitude 21 °11 '39 " Sul e longitude 43 °20 '29 " Oeste e localiza-se no trecho da Serra da Mantiqueira que é o divisor de duas importantes bacias hidrográficas: a bacia do rio Paraíba do Sul e a bacia do rio Doce, sendo banhado pelo Rio Pomba, principal fonte de abastecimento de água da comunidade. O clima é do tipo tropical de altitude com chuvas concentradas no verão e temperatura média anual em torno de 18 °C (13,8 °C – 24 °C).

A coleta de informações baseou-se na aplicação de uma entrevista semiestruturada, para a qual foram selecionados 16 informantes, sendo um representante de cada família da comunidade. Estes informantes se caracterizam pelo seu conhecimento sobre sua cultura, podendo ser representado por algum adulto, adolescente ou até mesmo criança (AMOROSO, 2002). O critério de escolha do informante baseou-se na disponibilidade no momento da entrevista.

Priorizou-se na entrevista a captação de informações sociais básicas e informações sobre as plantas medicinais utilizadas na comunidade. As entrevistas foram acompanhadas pela coordenadora da Associação Quilombola da comunidade Carreiros, e foram realizadas durante o mês de Julho de 2011.

Para fins de registro, foram coletadas duas amostras de cada planta citada pelos informantes. As plantas coletadas foram identificadas e depositadas no Laboratório de Ecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, campus Rio Pomba na forma de exsicata.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos informantes pertence ao sexo feminino (69%). Resultados semelhantes foram apresentados por Bezerra et al. (2012) ao avaliarem o uso de plantas medicinais na comunidade de Mimoso no município de Paulista, PB, e constataram que 71,42% dos entrevistados eram do sexo feminino. O fato da maioria dos informantes pertencerem ao sexo feminino ocorre devido à maioria das mulheres na zona rural

permanecerem em casa cuidando dos afazeres domésticos, dentre os quais está o cultivo das plantas medicinais (CALÁBRIA et al., 2008).

Do total de entrevistados 69% são casados, 25% são solteiros e 6% viúvo. A faixa etária variou entre 11 e 68 anos, sendo que mais de 60% dos informantes possui mais de 30 anos de idade. No geral, os entrevistados são de nível escolar baixo, onde apenas 13% tem ensino médio e dos demais, 25% não estudaram, 31% estudou até o nível infantil e 31% até o ensino fundamental. O baixo nível escolar dos entrevistados é devido ao trabalho pesado ligado à agricultura que inviabiliza a continuidade dos estudos (OLIVEIRA & MENINI NETO, 2012). No entanto, de acordo com Bezerra et al. (2012) esses dados não influenciam no conhecimento das pessoas, em relação as plantas medicinais.

Os resultados demonstraram ainda que 94% dos informantes moram no local a mais de 10 anos, sendo a maioria nascido e criado na comunidade (81%). Em estudo etnobotânico realizado por Barreira (2010) em três distritos do município de Rio Pomba – MG também foi verificado que os informantes moram no local a mais de 10 anos, sendo a maioria nascido e criado na comunidade. Em média há três habitantes por casa, variando de um a oito indivíduos.

Tais resultados exibem uma comunidade com população relativamente jovem, de baixa escolaridade, tendo como exclusiva fonte de renda a agricultura. As mulheres aparentemente desempenham importante papel social e estão bastante envolvidas no conhecimento das plantas medicinais (BARREIRA, 2010). Perfil semelhante foi encontrado em estudo realizado em Lima Duarte – MG (OLIVEIRA & MENINI NETO, 2012).

Os entrevistados relataram ter aprendido sobre as plantas medicinais, em geral com os familiares (pais e avós) e pessoas mais velhas da comunidade. Vários pesquisadores também descrevem o uso popular de plantas medicinais como uma técnica baseada no acúmulo de informações repassadas oralmente por sucessivas gerações, propiciando a transmissão de informações, crenças e valores (PHILLIPS & GENTRY, 1993; CEOLIN et al., 2011; ZUCCHI et al., 2013). A transmissão oral do conhecimento é tida como a principal fonte de informação sobre a coleta, preparo e uso dos fitoterápicos (ARNOUS et al., 2005).

Em 56% das famílias, os filhos apresentam interesse e veem desenvolvendo suas habilidades quanto ao conhecimento sobre as plantas medicinais, o que tem grande valor no sentido de preservação dos conhecimentos já existentes sobre as plantas medicinais. Este resultado discorda dos obtidos dos estudos realizados por outros autores, em que os mesmos verificaram que as pessoas mais jovens se interessavam muito pouco pelo tratamento com as plantas medicinais, e, por isso, as desconhecem (OLIVEIRA & MENINI NETO, 2012; PHILLIPS & GENTRY, 1993).

Em 50% das entrevistas ressaltou-se o fato de que algumas espécies anteriormente utilizadas já não são mais encontradas na comunidade, como o funcho (*Foeniculum vulgare* Mill.), o endro (*Anethum graveolens* L.) e o poejo (*Mentha pulegium* L.). No entanto, essas espécies são facilmente encontradas na região e podem ser

reintroduzidas na comunidade. Esta informação é valiosa sob o ponto de vista de que há algo a ser resgatado quanto ao conhecimento das plantas, informações e espécies que já existiram e hoje não se encontram mais nos quintais da comunidade. Apenas 19% dos entrevistados disseram já ter experimentado alguma planta desconhecida, atividade não recomendada devido a possível presença de substâncias tóxicas.

Quanto ao interesse dos informantes em conhecer mais sobre as plantas medicinais, 94% manifestaram esta vontade. Todos os informantes demonstraram interesse em participar de um projeto que possibilite compartilhar seu conhecimento com os demais e adquirir novos conhecimentos relacionados às plantas medicinais. No povoado de Manejo (Lima Duarte, MG) existe o projeto da horta comunitária de plantas medicinais que permite com que muitos habitantes do povoado possam obter conhecimentos sobre as plantas medicinais, por meio de cursos e livros (OLIVEIRA & MENINI NETO, 2012). Um projeto similar poderia ser implantado na comunidade quilombola Carreiros, afim de que seus moradores pudessem obter mais conhecimentos e, conseqüentemente, estimulasse a produção de plantas medicinais, insumos e fitoterápicos, o que estaria de acordo com as diretrizes propostas pelo decreto nº 5.813 (22/06/2006) que aprovou a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (BRASIL, 2006).

Dentre as enfermidades apontadas como mais frequentes na comunidade, destacam-se problemas de pressão arterial, bronquite, problemas cardíacos, gripe, dores na coluna, depressão e diabetes. Sabe-se que para hipertensão arterial a espécie *Sechium edule* (Jacq.) Sw. possui atividade hipotensiva confirmada em testes de laboratório (GORDON et al., 2000). Para o tratamento de bronquite tem sido recomendado às espécies *Eucalyptus globulus* Labill. e *Ocimum canum* Sims que apresentam óleos voláteis ricos em cineol, além da *Mentha arvensis* que apresenta teores elevados de mentol compostos, com atividade expectorante (SIMÕES & SPITZER, 2000). Em estudo realizado na comunidade quilombola de Olho D'Água dos Pires, Esperantina, Piauí, a espécie janaguba (*Hymatanthus sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson), foi citada em 100% dos questionários aplicados para cura de gripe (FRANCO & BARROS, 2006). Já para diabetes são indicadas *Bauhinia forficata* Link e *Cissus verticillata* (L.) Nicolson & C.E. Jarvis (MENEZES et al., 2007; KHALIL et al., 2008; COSTA & MAYWORM, 2011).

Foram listadas 63 espécies medicinais utilizadas pela comunidade no tratamento dessas e de outras enfermidades (Tabela 1). Dentre as principais espécies citadas estão: *Citrus sinensis* L. (laranja), *Psidium guajava* L. (goiaba), *Leonurus sibiricus* L. (mané magro), *Citrus limonia* Osbeck (limão), *Carica* sp (mamão), *Vernonia condensata* (necroton), *Sechium edule* (Jacq.) Sw (chuchu), *Sansevieria trifasciata* Prain. (espada de São Jorge), *Malpighia glabra* L. (acerola), *Saccharum officinarum* L. (cana-de-açúcar). As demais plantas foram citadas menos de cinco vezes, caracterizando-se como pouco utilizadas (Tabela 1). Verifica-se que a maioria dessas espécies citadas também pode ser utilizada na alimentação *in natura*.

Tabela 1. Espécies vegetais utilizados na medicina tradicional no Quilombo Carreiros, Contendas, Mercês MG, com sua respectiva classificação taxonômica, número de vezes em que foi mencionada na entrevista, fonte de coleta e indicação terapêutica na comunidade.

Família	Nome Científico	Nome(s) popular(es)	Nº de citações	Parte Utilizada	Manejo	Indicação Terapêutica
Amaranthaceae	<i>Spinacia oleracea</i> L.	Espinafre	1	Folha	Cultivado	Anemia
Amaranthaceae	<i>Alternanthera</i> sp.	Retromicina	4	Folha	Extraído	Inflamação dentária
Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	1	Folha	Cultivada	Diabetes
Araceae	<i>Pistia stratiotes</i> L.	Erva de Santa Luzia – aquática	1	Folha	Cultivada	Infecções dos olhos
Asphodelaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.	Babosa	1	Folha	Cultivada	Câncer
Asteraceae	<i>Vernonia condensata</i>	Necroton	5	Folha	Cultivado	Ressaca e dor de cabeça
Asteraceae	<i>Artemisia</i> sp.	Ponta livre	1	Folha	Cultivado	Coração
Asteraceae	<i>Tanacetum</i> sp.	Artemísia	1	Folha	Cultivado	Cólicas
Asteraceae	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	1	Folha	Extraída	Dor de barriga, mal estar
Asteraceae	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Assapeixe	2	Folha	Extraída	Inflamação
Asteraceae	<i>Solidago chilensis</i> Meyer.	Arnica	2	Folha	Cultivada	Inflamação
Asteraceae	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	1	Folha	Extraído	Tonificante dos cabelos
Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão-preto	1	Folha e raiz	Extraída	Hepatite
Asteraceae	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Pauma	1	Folha	Cultivada	Dor de cabeça
Asteraceae	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Assapeixe cruzado	1	Folha	Cultivada	Calmante e tosse
Alismataceae	<i>Echinodorus macraphyllum</i>	Chapéu de couro	2	Folha	Extraído	Queimaduras
Bignoniaceae	<i>Tabebuia</i> sp.	Ipê	1	Folha	Extraído	Diabetes, Câncer
Bromeliaceae	<i>Bromelia balansae</i>	Gravatá	3	Fruto	Extraído	Gripe
Caricaceae	<i>Carica</i> sp.	Mamão	6	Flor	Cultivado	Gripe
Crassulaceae	<i>Bryophyllum</i> sp.	Saião	2	Folha	Cultivado	Dor de estômago
Curcubitaceae	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	5	Folha	Cultivado	Pressão alta
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	São Sebastião	1	Nódia	Cultivada	Berne
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	2	Semente	Extraído	Curar umbigo de bebê
Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Feijão guandu	3	Folha	Cultivada	Dor de dente
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo	4	Folha	Cultivado	Dor de barriga
Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjericão	1	Folha	Cultivado	Palpitação, coração
Lamiaceae	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Mané magro	10	Folha e Flor	Extraído	Dor de barriga e gripe
Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp.	Hortelã	3	Folha	Cultivado	Gripe
Lamiaceae	<i>Mentha villosa</i> Huds.	Hortelã	1	Folha	Cultivado	Gripe
Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavaca	2	Folha	Cultivado	Calmante
Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp.	Alevante	1	Folha	Cultivada	Calmante e gripe
Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	1	Folha	Cultivada	Dor de barriga
Lamiaceae	<i>Hyptis</i> sp.	Erva cidreira da horta – rasteira	1	Folha	Cultivada	Pressão alta
Lamiaceae	<i>Stachys lanata</i> L.	Peixinho da	1	Folha	Cultivada	Coração
Lamiaceae	Sp9	Alecrim do norte	2	Folha	Cultivada	Calmante

Laureacea	<i>Ocotea</i> sp.	Canela	1	Folha	Cultivada	Gripe
Laureacea	<i>Persea americana</i> L.	Abacate	4	Folha	Cultivado	Dor nos rins
Liliaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain.	Espada de São Jorge	5	Folha	Cultivado	Banho de proteção
Lythraceae	Sp1	Alecrim bento	2	Folha	Cultivado	Calmante
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	5	Folha	Cultivado	Gripe
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	2	Folha	Cultivado	Dor de ouvido
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	10	Folha e Casca do caule	Cultivado	Diarreia
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	1	Folha e Casca do caule	Cultivado	Dor de barriga
Myrtaceae	<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	1	Folha	Cultivado	Dor
Myrtaceae	Sp8		1	Folha	Cultivada	Rins
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	1	Folha	Cultivada	Gripe
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.	Jaborandi	1	Folha	Cultivado	Dor de dente
Plantaginaceae	<i>Plantago lanceolata</i> L.	Transagem	3	Planta toda	Cultivada	Garganta inflamada
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Transagem da horta	1	Folha	Cultivada	Garganta inflamada
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> L.	Erva cidreira – capim	2	Folha	Cultivado	Pressão, ralear o sangue
Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	5	Folha	Cultivada	Gripe e garganta / expectorante
Rosaceae	<i>Rosa</i> sp.	Rosa branca	2	Flor	Cultivada	Brotoeja
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	1	Folha	Cultivada	Infecções dos olhos
Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> L.	Laranja	11	Folha	Cultivado	Gripe
Rutaceae	<i>Citrus limonia</i> (Osbeck)	Limão	8	Fruto	Cultivado	Gripe
Solanaceae	<i>Solanum</i> sp.	Marianeira	1	Folha	Cultivada	Febre
Verbenaceae	<i>Lippia</i> sp.	Erva cidreira do mato	1	Folha	Extraída	Gripe
Verbenaceae	<i>Lippia</i> sp.	Erva cidreira da horta	3	Folha	Cultivado	Pressão, ralear o sangue
	Sp 3	Marmelinho	1	Folha	Cultivado	Rins
	Sp4	Mercurinho	2	Folha	Cultivada	Brotoeja
	Sp5	Cinco folhas	1	Folha	Cultivada	Brotoeja
	Sp6	Erva de passarinho	2	Folha	Extraído	Gripe
	Sp7	Basto	1	Folha	Cultivada	Queimaduras

Na maior parte das vezes a espécie é cultivada e a folha da planta é utilizada no preparo de chás. Em estudos feitos em Esperantina (PI), Tanquinho (BA) e Pombal (PB) também foi constatado que a folha foi a parte do vegetal mais utilizada para o preparo dos remédios (FRANCO & BARROS, 2006; COSTA NETO & OLIVEIRA, 2011; ANDRADE et al., 2012). A explicação mais plausível para o maior uso das folhas na preparação de chás deve-se ao fato de sua maior disponibilidade durante todo o ano (excetuando-se em biomas de Caatinga) e que é nas folhas que se concentram grande parte dos princípios ativos (GONÇALVES & MARTINS, 1998; CASTELLUCCI et al., 2000). No entanto, vale ressaltar que não há um rigor, por parte dos consumidores, na preparação dos chás de plantas medicinais, uma vez

que sua preparação na maioria das vezes é herança de antigas culturas (DINIZ et al., 2013).

As famílias botânicas mais citadas foram a Lamiaceae e Asteraceae. Resultado semelhante foi observado por Paulino (2011) em que o autor verificou que as famílias Lamiaceae e Asteraceae estavam entre as famílias botânicas que apresentaram o maior número de espécies. A família botânica Lamiaceae é importante, pois apresentam óleos voláteis, compostos com ações carminativa, antiespasmódica, secretolítica, antiinflamatória, entre outras (SIMÕES & SPITZER, 2000). Enquanto a Asteraceae apresenta grande diversidade de compostos secundários (EMERENCIANO et al., 1998). Destaque às mesmas famílias foi dado em

levantamento realizado em Extrema – MG (COSTA & MAYWORM, 2011).

Nota-se, que o conhecimento existente foi adquirido de forma empírica e é evidente entre as famílias a preocupação em repassar os conhecimentos tradicionais sobre o uso das plantas medicinais aos jovens. Uma capacitação dessas famílias por profissionais habilitados exerceria papel importante visando o uso consciente de tais recursos naturais e possivelmente contribuiria com o desenvolvimento da atividade de cultivo e comercialização de plantas de forma profissional, introduzindo nova fonte de renda na comunidade. Neste contexto, é importante que os institutos públicos e privados de pesquisa realizem estudos científicos que comprovem a eficácia das plantas medicinais (SORTE JÚNIOR, 2012). Sendo fundamental a realização de análises químicas detalhadas dessas plantas, tendo em vista que inúmeros fatores que podem levar a variações no conteúdo de metabólitos secundários (GOBBO NETO & LOPES, 2007). Também se faz necessário que estas instituições auxiliem as comunidades locais a criarem a infraestrutura necessária para atender às exigências da ANVISA quanto a boas práticas de fabricação (SORTE JÚNIOR, 2012).

CONCLUSÕES

1. Dentre as principais espécies de plantas medicinais utilizadas pela comunidade estão: *Citrus Sinensis* L., *Psidium guajava* L., *Leonurus sibiricus* L., *Citrus Limonia* (Osbeck), *Carica* sp., *Vernonia condensata* Backer, *Sechium edule* (Jacq.) Sw, *Sansevieria trifasciata* Prain, *Malpighia glabra* L., e *Saccharum zofficinarium* L. No entanto, algumas espécies anteriormente utilizadas já não são mais encontradas na comunidade.

2. Há algo a ser resgatado quanto ao conhecimento das plantas medicinais, e que embora a diversidade de espécies utilizadas pela comunidade seja alta e haja troca de informação sobre as plantas medicinais e seu uso, existe interesse dos moradores da comunidade em conhecer mais sobre o assunto e em participar de algum projeto que viabilize ainda mais a troca de conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMASSY JÚNIOR, A. A.; SILVA, A. F.; FONSECA, M. C. M. Conhecimento tradicional do uso medicinal das plantas. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.31, n.255, p.20-26, 2010.

AMOROSO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, v.16, n.2, p.189-203, 2002.

ANDRADE, F. M. C.; CASALI, V. W. D. Etnobotânica e estudo de plantas medicinais. In: RODRIGUES, A.G.; ANDRADE, F. M. C.; COELHO, F. M. G.; COELHO, M. F. B.; AZEVEDO, R. A. B.; CASALI, V. W. D. (eds). **Plantas medicinais e aromáticas:**

etnoecologia e etnofarmacologia. Viçosa: UFV, 2002. cap. 3, p. 77-144.

ANDRADE, S. E. O.; MARACAJÁ, P. B.; SILVA, R. A.; FREIRES, G. F.; PEREIRA, A. M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, Mossoró, v.7, n.3, p.46-52, 2012.

ARNOUS, A. H.; SANTOS, A. S.; BEINNER, R. P. C. Plantas medicinais de uso caseiro - conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**, Londrina, v.6, n.2, p.1-6, 2005.

BARREIRA, T. F. **Levantamento etnobotânico de espécies medicinais utilizadas na zona rural do município de Rio Pomba: São Lourenço, Tijuco e Bom Jardim**. Rio Pomba: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas, 2010. 29 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel – Área de concentração em Agroecologia).

BEZERRA, A. M. F.; BEZERR, K. K. S.; SOUZA, L. C. F. S.; SOUZA, J. S.; BORG, M. G. B. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade de mimoso no município de Paulista, Paraíba – Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, Mossoró, v.7, n.5, p.06-11, 2012.

BRASIL. **Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências** [Internet]. Poder Executivo, Brasília, DF, Diário Oficial da União, 23 jun 2006. <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=2&data>, acessada em Junho 2006.

CALÁBRIA, L.; CUBA, G. T.; HWANG, S. M.; MARRA, J. C. F.; MENDONÇA, M. F.; NASCIMENTO, R. C.; OLIVEIRA, M. R.; PORTO, J. P. M.; SANTOS, D. F.; SILVA, B. L.; SOARES, T. F.; XAVIER, E. M.; DAMASCENO, A. A.; MILANI, J. F.; REZENDE, C. H. A.; BARBOSA, A. A. A.; CANABRAVA, H. A. N. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Paulínia, v.10, n.1, p.49-63, 2008.

CASTELLUCCI, S.; LIMA, M. I. S.; NORDI, N.; MARQUES, J. G. W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio - SP; uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Paulínia, v.3, n.1, p.51-60, 2000.

- CEOLIN, T.; HECK, R. M.; BARBIERI, R. L.; SCHWARTZ, E.; MUNIZ, R. M.; PILLON, C. N. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.45, n.1, p.47-54, 2011.
- COSTA NETO, E. M.; OLIVEIRA, M. V. M. The use of medicinal plants in the country of Tanquinho, state of Bahia, North-eastern Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Paulínia, v.2, n.2, p.1-8, 2000.
- COSTA, V. P.; MAYWORM, M. A. S. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes - município de Extrema, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Paulínia, v.13, n.3, p.282-292, 2011.
- DALT, S.; BRANDÃO, A. A. Comunidades quilombolas e processos de formação de identidades no Brasil contemporâneo. **Revista Univap**, São José dos Campos, v.17, n.29, p.41-61, 2011.
- DINIZ, V. W. B.; DANTAS FILHO, H. A.; MULLER, R. C. S.; FERNANDES, K. G. Classificação multivariada de ervas medicinais da região amazônica e suas infusões de acordo com sua composição mineral. **Química Nova**, São Paulo, v.36, n.2, p.257-261, 2013.
- EMERENCIANO, V. P.; RODRIGUES, G. V.; ALVARENGA, S. A. V.; MACARI, P. A. T.; KAPLAN, M. A. C. Um novo método para agrupar parâmetros quimiotaconômicos. **Química Nova**, São Paulo, v.21, n.2, p.125-9, 1998.
- FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Paulínia, v.8, n.3, p.78-88, 2006.
- GOBBO NETO, L.; LOPES, N. P. Plantas medicinais: fatores de influência no conteúdo de metabólitos secundários. **Química Nova**, São Paulo, v.30, n.2, p.374-381, 2007.
- GONÇALVES, M. I. A.; MARTINS, D. T. O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v.79, n.3/4, p.56-61, 1998.
- GORDON, E. A.; GUPPY, L. J.; NELSON, M. The antihypertensive effects of the Jamaican Cho-Cho (*Sechium edule*). **West Indian Medical Journal**, Mona, v.49, n.1, p.27-31, 2000.
- KHALIL, N. M.; PEPATO, M. T.; BRUNETTI, I. L. Free radical scavenging profile and myeloperoxidase inhibition of extracts from antidiabetic plants: *Bauhinia forficata* and *Cissus sicyoides*. **Biological Research**, Santiago, v.41, n.2, p.165-71, 2008.
- MACEDO, A. F.; OSHIWA, M.; GUARIDO, C. F. Ocorrência do uso de plantas medicinais por moradores de um bairro do município de Marília-SP. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, Araraquara, v.28, n.1, p.123-128, 2007.
- MENEZES, F. S.; MINTO, A. B. M.; RUELA, H. S.; KUSTER, R. M.; SHERIDAN, H.; FRANKISH, N. Hypoglycemic activity of two Brazilian *Bauhinia* species: *Bauhinia forficata* L. and *Bauhinia monandra* Kurz. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v.17, n.1, p.8-13, 2007.
- MING, L. C. A etnobotânica na recuperação do conhecimento popular [Internet]. Departamento de Produção Vegetal. Faculdade de Ciências Agrônomicas –UNESP, 2009. http://www.fazendadocerrado.com.br/Lin_Chau_Min_g.pdf, acessada em novembro de 2013.
- OLIVEIRA, H. B. Estudo etnofarmacológico de plantas medicinais em Rosário da Limeira - MG. Viçosa: UFRV, 2008. 99 p. Dissertação Mestrado.
- OLIVEIRA, E. R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Paulínia, v.14, n.2, p.311-320, 2012.
- PAULINO, R. C. Conhecimento sobre plantas medicinais entre alunos da Universidade Federal do Semiárido, Mossoró, RN. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, Mossoró, v.6, n.4, p.78-90, 2011.
- PHILLIPS, O., GENTRY, A. M. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypothesis with a new quantitative technique. **Economic Botany**, New York, v.47, n.1, p.15-32, 1993.
- QUEIROZ, M. S. Curandeiros do mato, curandeiros da cidade e médicos: um estudo antropológico dos especialistas em tratamentos de doenças na região do Iguape. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 32, n.1, p.31-47, 1984.
- SANTOS, R. L.; NOBRE, M. S. C.; GUIMARÃES, G. P.; DANTAS, T. B.; VIEIRA, K. V. M.; FELISMINO, D. C.; DANTAS, I. C. Contaminação fúngica de plantas medicinais utilizadas em chás. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v.34, n.2, p.289-293, 2013.
- SCARDELATO, J. Á.; LEGRAMANDI, V. H. P.; SACRAMENTO, L. V. S. Ocorrência de cristais em plantas medicinais utilizadas no tratamento da nefrolitíase: paradoxo? **Revista Brasileira de**

- Farmacognosia**, Curitiba, v.34, n.2, p.161-168, 2013.
- SIMÕES, C. M. O.; SPITZER, V. Óleos voláteis. In: SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMANN, G.; MELLO, J. C. P.; MENTZ, L. A.; PETROVICK, P. R. (Eds.). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 2.ed. Porto Alegre/Florianópolis: Ed. UFRGS/UFSC, 2000. Cap. 18, p.387-416.
- SORTE JUNIOR, W. F. Traditional knowledge for promotion of socioeconomic inclusion of local communities. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.46, n.3, p. 583-586, 2012.
- ZUCCHI, M. R.; OLIVEIRA JÚNIOR, V. F.; GUSSONI, M. A.; SILVA, M. B.; SILVA, F. C.; MARQUES, N. E. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Ipameri – GO. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Paulínia, v.15, n.2, p.273-279, 2013.

